

# POLÍTICA E ESTÉTICA EM NIETZSCHE: DA CRÍTICA À MODERNIDADE POLÍTICA À RECONFIGURAÇÃO ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

Dalila Miranda Menezes<sup>1</sup>

## RESUMO

Nietzsche não elaborou um sistema político aos moldes tradicionais da filosofia política antiga ou moderna, mas é possível encontrar em suas considerações sobre a modernidade, uma crítica radical à realidade política de sua época. Consideramos que um dos aspectos mais vivazes e marcantes no manancial de diretrizes críticas que Nietzsche disseminou no interior de sua produção intelectual reside na absoluta intolerância à tentativa de uniformização e nivelamento da vida humana. Para o autor de *Assim Falou Zaratustra*, a vida havia assimilado uma configuração rebaixada e aviltante, desprezando as múltiplas possibilidades afirmativas e criativas que manifestariam uma pluralidade pulsante, envolvente, desafiadora e inquieta, para adormecer nos braços de uma postura perigosamente decadente, cuja representação historicamente personificada remetia ao modo declinante da sociedade civil burguesa configurada a partir da modernidade. Para Nietzsche se faz necessário redesenhar os fios da própria individualidade e enfrentar os seguintes desafios: como poderíamos construir artisticamente a existência? Como poderíamos enaltece-la pelo cuidado de si com o mesmo impulso vivaz de uma construção estética? A proposta nietzscheana é que o homem crie a si mesmo como uma obra de arte, transformando a própria experiência existencial em objeto artístico. Redesenhando artisticamente o homem moderno, suas escolhas pueris, seus afetos banais, sua maneira uniforme de se relacionar com as cercanias embotadas de um mundo desfigurado, Nietzsche propõe a condução da individualidade pela via de um embelezamento que substancialize a vida e lhe confira sentido elevado.

**Palavras-chave:** Modernidade. Política. Nietzsche. Estética. Existência.

## ABSTRACT

Nietzsche did not elaborated a politics system at traditional molds of ancient or modern politics philosophy, but is possible to find in his considerations about modernity, a radical politics criticism of his epoch. We consider that one of the most important aspects of the Nietzsche's critics analyzes is located in the absolute intolerance of the attempt of standardize the human life. For the author of *Also sprach Zarathustra*, the existence assimilated a relegate configuration, despising the multiple's affirmative and creative human life possibilities, staying in dangerous decadent attitude, represented for the civil burgess society, configured in modernity politics. For Nietzsche is necessary redesign the thread of own individuality and face this challenges: How can we construct artistically the existence? How can we grow rich existence, taking care ourselves the same mode as we create an esthetical construction? The Nietzsche's proposal is that the man create himself as a work of art, transforming the own existential experience in an artistically object. Redesigning artistically the modern man, his puerile choices, his uniform way of relationship with the limits of the disfigured world, Nietzsche propose the individuality conduction through the road of a beauty that substantialize the life and give it an elevate sense.

**Key-words:** Modernity. Politics. Nietzsche. Esthetical. Existence.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); e-mail: dalilamirandamenezes@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

Antes de apresentarmos os lineamentos reflexivos que configuram a compreensão política e estética de Nietzsche, buscaremos compor uma sucinta abordagem do contexto histórico-político que delinea o horizonte vivenciado por Nietzsche que nos remete à Alemanha de Bismarck, e corresponde à segunda metade do século XIX, época caracterizada pela tentativa de afirmação de uma unidade política e militar alemã. A ampla feição da política europeia era, portanto, de formação dos Estados nacionais e a pretensão da Alemanha neste contexto era construir sua nacionalidade e se transformar em nação soberana e em Estado político unificado.

Em fins do século XIX, quando países como a França e a Inglaterra, já estavam consolidados na forma de estados nacionais, a Alemanha não era mais que um amontoado de principados e ducados independentes e sem uma unificação administrativa. Foi sob a liderança da Prússia que a Alemanha alcançou em 1871 sua unificação política, após vencer a França de Napoleão III na Guerra Franco-Prussiana.

A unificação alemã, liderada pelo antiliberal e pró-monárquico Otto Von Bismarck (1815-1898), marca o início da fase na qual o nacionalismo é firmado no interior do Estado. Esse nacionalismo, caracterizado pela defesa de um Estado imperialista, conservador e autoritário, generaliza-se em todo o continente com o crescente interesse das nações europeias em alcançar a hegemonia na Europa e se defender das ameaças externas, exigindo a lealdade exclusiva dos cidadãos e incentivando o ódio e a hostilidade para com outras nações.

Do ponto de vista especificamente econômico (no qual situaremos nossas investigações) ocorria uma ampla configuração da sociedade civil emergente, consequência direta da revolução industrial. Tais acontecimentos ficaram amplamente conhecidos como as “revoluções burguesas”, isto é, mudanças na economia, na política, e nas demais esferas sociais, efetuadas por uma nova classe social, a burguesia. Partes destes movimentos são visíveis no crescimento de uma cultura de massa, onde o centro propulsor da sociedade civil se constitui numa luta pelo enriquecimento particular, o que uniformiza em termos gerais a dinâmica do comportamento de indivíduos e grupos em torno da satisfação de interesses meramente materiais. O Estado aparece neste contexto como instância impessoal de dominação que impõe obediência por um lado, e por outro como criador e aplicador das leis, ao mesmo tempo garantindo a ordem e o funcionamento das estruturas de dominação.

Se pensarmos no excessivo nível de padronização e massificação do homem

contemporâneo, situado numa existência monocromática pautada pelo trabalho, consumo e entretenimento, e se pensarmos no modo como esta vida contemporânea rebaixada se apresenta nas manifestações mais altivas da cultura, como por exemplo, enquanto espectadores de uma política presa entre a corrupção e mera administração da economia, e na assimilação passiva de uma moral refém de uma “ética do trabalho” que glorifica a destinação quase inescapável da existência às amarras da reprodução material da vida, e se refletirmos acerca destas coordenadas preocupantes de nosso tempo, os apelos e as análises de Nietzsche soam com impressionante atualidade. O empreendimento analítico-investigativo de um autor que dedica sua obra para a compreensão de temáticas similares em seu tempo parece-nos convincentes para justificarmos, por este viés, um estudo com os contornos que ora propomos.

Por fim, como forma de enfrentamento deste manancial de questões gravíssimas para o curso da vida humana, devemos apontar, na sequência deste breve estudo, o significado decisivo para Nietzsche de uma reapropriação dos aspectos vitais e afirmadores das potências criativas humanas, e de como este projeto exige uma transvaloração dos valores rebaixados da tradição, enquanto contrapartida para o surgimento de novas possibilidades capazes de ultrapassar o último homem<sup>2</sup> e justificar esteticamente a existência.

## **2. A CRÍTICA DE NIETZSCHE À MODERNIDADE POLÍTICA A PARTIR DA FIGURA DO ÚLTIMO HOMEM**

Quando Zarathustra novamente se achou em terra firme, não foi diretamente para sua montanha e sua caverna, e sim percorreu muitos caminhos e fez muitas perguntas e se informou sobre isso e aquilo [...]. Pois ele queria saber o que havia sucedido com o *ser humano* naquele meio tempo: se este se tornara maior ou menor. E certa vez enxergou uma fileira de casas novas; admirou-se, e disse: Que significam essas casas? Em verdade, nenhuma grande alma as pôs ali como símbolos de si própria! [...] E esses aposentos e câmaras: será que *homens* podem entrar e sair deles? [...] E Zarathustra permaneceu calado e refletiu. Por fim disse, com tristeza: “*Tudo* ficou menor! Em toda parte vejo portões mais baixos: quem é de *minha* espécie ainda passa por eles, mas – tem de se abaixar! Oh, quando estarei de volta à minha terra, onde não mais terei de me abaixar – de me abaixar *diante dos pequenos!*” (NIETZSCHE, 2011, p. 159)

---

<sup>2</sup> De acordo com Nietzsche, a tradição cultural ocidental, sobretudo representada pela moral dominante e pela política moderna rebaixada, designada por ele como “pequena política”, domesticou o homem e o equiparou a um animal de rebanho, o afastou de suas forças, de suas potencialidades instintivas. O “último homem” referido por Nietzsche é resultado deste disciplinamento, é a reconfiguração da redução do ser humano à condição de “maquina”, de sua transformação em objeto para fins de utilização.

Zaratustra, recém-chegado a uma cidade, logo se admira de sua arquitetura de casas excessivamente baixas. A questão central aqui presente assume a seguinte inquietação: que tipo de homem erige casas como essas projetadas para homens pequenos, no qual se faz necessário se curvar para adentrá-las? A estupefação de Zaratustra diante da arquetônica reduzida das casas se justifica na medida em que será justamente pelo tamanho das casas que identificaremos o tipo de homem que as habita e as edifica. A modernidade é esta cidade constituída por casas pequenas, onde o homem aparece necessariamente como ser baixo e curvado, dotado com as características de um animal de rebanho. O homem que tudo apequena, também designado de “último homem” pelo autor de *Assim Falou Zaratustra*, é o resultado do diagnóstico nietzscheano da modernidade política.

Para investigarmos o traço mais marcante do “último homem”, do homem anão resultante da construção política moderna, devemos considerar que um dos aspectos mais vivazes no manancial de diretrizes críticas que Nietzsche disseminou no interior de sua produção intelectual reside na absoluta intolerância à tentativa de uniformização e nivelamento da vida humana. Por conta deste repúdio à uniformização da vida é possível compreender a denúncia nietzscheana da modernidade, centrada no ataque aos valores de uma política que tem por objetivo precípua a formação de indivíduos obedientes e dóceis, afastados de suas forças, de suas potencialidades instintivas, portanto de sua singularidade constitutiva.

Se a vida humana se construiu pequena nas amarras da política moderna, o caminho para tal apequenamento teria sido, de acordo com Nietzsche, a constituição de uma espécie de disciplinamento, de uma paulatina e progressiva redução do ser humano à condição de rebanho. Para Nietzsche, um dos aspectos mais impactantes na edificação do último homem foi a crença na “dignidade do trabalho”, exatamente porque essa crença possui, como pano de fundo de suas aspirações, a busca pretensiosa de uma legitimação político-cultural centrada na imagem da igualdade entre os homens. Isto significa que a crença moderna na “dignidade do trabalho” se erige a partir de uma castração e extirpação do diferente, daquilo que no humano é pluralidade e multiplicidade, para dar lugar a uma perigosa adequação ao trabalho como único juízo de valoração e conservação da existência.

O que estaria em jogo na estratégia política moderna de dignificar o trabalho? Para Nietzsche, a edulcoração romântica de uma suposta dignidade do trabalho favoreceu as matrizes valorativas de uma espécie de homem fraco, resignado, e gregário, em detrimento do homem autêntico e elevado, impondo um modo de vida submetido aos cânones de uma moral exacerbadamente laboriosa que desapropria o humano de sua existência, e o lança na fuga de

si como objetivo precípua de suas determinações, destituindo o homem de suas potências e possibilidades como modo eficaz para mantê-lo preso à escravidão. O que ocorre nas relações de trabalho, em última análise, para Nietzsche, é o aniquilamento do homem.

Um modo bastante elaborado e literariamente sofisticado de perceber o decaimento do humano diante do horizonte existencial moderno de que estamos tratando, encontra-se em *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, onde Goethe utiliza o seu protagonista Wilhelm Meister para fazer uma crítica radical ao modo de organização da vida pelo homem burguês. Goethe nos diz o seguinte em relação a um mundo e a uma vida voltada para o trabalho:

Um burguês pode adquirir méritos e desenvolver seu espírito a não mais poder, mas sua personalidade se perde, apresente-se ele como quiser [...] Não lhe cabe perguntar: ‘Que és tu?’, e sim: Que tens tu? Que juízo, que conhecimento, que aptidão, que fortuna?’ [...] deve desenvolver suas diversas faculdades para tornar-se útil, e já se presume que não há em sua natureza nenhuma harmonia, nem poderia haver, porque ele, para se fazer útil de um determinado modo, deve descuidar de todo o resto. (1994, p. 293-294)

A denúncia de Goethe, plenamente acompanhada por Nietzsche, é centrada justamente sob a pequenez do homem moderno que privilegia o trabalho em detrimento da formação plural da personalidade livremente desenvolvida. O burguês com a sua existência trivial, para Goethe, jamais alcançará o pleno desenvolvimento das capacidades humanas, pois está demasiado ocupado para isso. A integralização dos afetos e paixões pressupõe a libertação do humano de sua condição de completo aniquilamento.

Para Nietzsche, profundo admirador de Goethe, é inaceitável a anuência do homem moderno frente a essa situação caótica a que está inserido nas relações de produção, se portando como mais uma máquina frente às outras. O auto aniquilamento do homem moderno se consuma na ausência de tempo disponível para a sua singularidade, abdicando de sua existência, das suas potencialidades artístico-intelectuais que poderiam estar se desenvolvendo caso não esgotasse sua vitalidade na utilidade esfaceladora do trabalho. Tudo é tecido, no horizonte existencial do último homem – seus afetos, seus desejos, sua singularidade – para perpetuar miseravelmente uma vida desprezível sobre a crença de uma suposta dignidade do trabalho. Para Nietzsche, os trabalhadores são em última instância:

(...) gastos como o parafuso de uma máquina e, de certo modo, bode expiatório do espírito inventivo dos homens. É vergonhoso (...) que, por uma elevação de salário, vá a desaparecer o que há de essencial em sua miséria [do trabalhador], em seu avassalamento impessoal. É vergonhoso (...) que,

por um aumento desta impessoalidade, no meio das engrenagens da máquina de uma nova sociedade, a vergonha da escravidão possa transformar-se em virtude! Vergonhoso também o preço pelo qual uma pessoa deixa de ser pessoa para converter-se em parafuso! Sois cúmplices da loucura atual das nações, essas nações que querem antes de tudo produzir muito e ser o mais possível ricas? (2002, p.13 )

Sem possibilidade de fruir as próprias forças instintuais que o constitui, sem aprimorar talentos e potências singulares de sua existência única, o homem moderno internaliza um conjunto de preceitos morais externos, impostos pela violência das autoridades, cuja diretriz fundamental consiste em abandonar as expectativas singulares ousadas e o ímpeto afirmador da vida e abraçar uma indeterminação de si e de suas possibilidades a partir de um convívio domesticado com os demais membros do rebanho. Cito Nietzsche:

Aos homens ativos falta habitualmente a atividade superior, quero dizer, a individual. Eles são ativos como funcionários, comerciantes, eruditos, isto é, como representantes de uma espécie, mas não como seres individuais e únicos; neste aspecto são indolentes. – A infelicidade dos homens ativos é que sua atividade é quase sempre um pouco irracional. Não se pode perguntar ao banqueiro acumulador de dinheiro, por exemplo, pelo objetivo de sua atividade incessante: ela é irracional. Os homens ativos rolam tal como pedra, conforme a estupidez da mecânica. – Todos os homens se dividem em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia para si é escravo, não importa o que seja: estadista, comerciante, funcionário ou erudito. (2008, p. 176)

A crítica de Nietzsche se direciona ao tipo de homem moderno que desconsidera a diferença e a singularidade do humano em prol de um instinto gregário coletivo. E por conta deste ideal de felicidade inventado pelos últimos homens, o homem moderno se submete quase que voluntariamente a uma vida cerceada por estigmas e padrões sociais através de uma castração de si e de uma economia global dos impulsos e afetos para se limitar a uma função, a um posto dentro de uma estrutura de poder falida e decadente como é a moderna sociedade democrática que nada mais visa que a mera segurança, conforto e a hipócrita estabilidade em todos os âmbitos da vida.

É por conta deste estilo de vida conformista, destes elementos niveladores do humano que os gestos, as palavras e os discursos que manifestam uma experiência individual própria em oposição à gregariedade, ou não são compreendidos ou trazem perigo para aqueles que se distanciam destes modelos. Por isso, o trabalho, tal como foi configurado na sociedade

moderna, atua como um dispositivo que deve esgotar as forças do trabalhador,<sup>3</sup> pois se dá de modo ininterrupto, tomando todo o seu dia. Nietzsche constata que essa dura laboriosidade exigida é um meio de deter as rédeas de cada um, se constituindo num elemento de segurança estatal, sendo a melhor polícia que os governos poderiam dispor para controle das massas, já que através dessa fiscalização diária é possível prevenir e punir mais proximamente qualquer ação que se proponha como contrária a esta organização.

Como meio de agradar os trabalhadores, os governantes tendem a iludi-los quanto a real situação, levando-os a agir segundo objetivos medianos através das satisfações materiais regulares. Vejamos a apreciação de Oswaldo Giacoia acerca destas questões:

De acordo com a denúncia de Nietzsche, a modernidade política, ao privar o trabalhador do sentido de seu trabalho mecanizado, ao transformá-lo em peça na engrenagem da produção e do consumo, e em *espécime* de uma coletividade que tem características do rebanho uniforme, ao erigir a administração econômica global da terra, essa mesma modernidade *de facto* preserva uma modalidade de escravidão que ela mesma prescreve de direito, com a mais cândida boa fé humanitária, inconsciente de sua hipocrisia. A sociedade do trabalho e do rendimento maximizado (...) continua cega e cruel, alienante e desumana. Ela pode abrigar, em sua inconsciência, uma escravidão que denega, e que pode levar a formas bárbaras de dominação. (2005, p. 61-62)

Nietzsche abomina o ideal de humanidade engendrado pela civilização civil burguesa, surgida com a revolução industrial, e que se caracteriza como sociedade de massa e de consumo, na qual o coletivo é hegemonicamente a imagem privilegiada em detrimento do individual, do singular. A denúncia nietzscheana da desfiguração da individualidade que poderia se firmar autêntica, e do arrebatamento imperioso de sua desqualificação numa coexistência rebaixada presente na modernidade política, se pauta em uma configuração depreciativa da vida e do homem, na medida em que

[...] a tarefa consiste em fazer o homem tanto quanto possível utilizável e, na medida em que isso de modo algum importa, aproximá-lo de uma máquina infalível; para essa finalidade, ele deve ser equipado com as *virtudes de máquina* (- ele tem que aprender a sentir os estados nos quais ele trabalha de maneira maquinalmente utilizável como os de supremo valor: para tanto é necessário que os outros (estados) sejam tornados tanto quanto possível penosos pra ele, tanto quanto possível perigosos e suspeitos[...]) (NIETZSCHE, 2002, p.41)

---

<sup>3</sup> Para saber mais consultar *Aurora* § 176

O processo desenfreado de produção em massa acarreta a mecanização do trabalhador convertido em peça de engrenagem de máquinas, transformado num estoque padronizado de indivíduos domados, submissos, levando a humanidade ao rebaixamento de suas potências, à superficialização e à castração dos impulsos críticos, emancipatórios e criativos. Isto tudo ocorre, segundo Nietzsche, exatamente porque a política moderna se tornou uma mera manutenção da vida, e os homens se transformaram em meios de obtenção de riqueza e poder, instrumentos do Estado, o qual está voltado para a economia monetária produzindo uma cultura de comerciantes que está centrada no uso da política para obtenção de lucros.

### **3. A ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO DO REBAIXAMENTO DO HUMANO EM NIETZSCHE**

Para Nietzsche a vida havia assimilado uma configuração rebaixada e aviltante, desprezando as múltiplas possibilidades afirmativas e criativas que manifestariam uma pluralidade pulsante, envolvente, desafiadora e inquieta, para adormecer nos braços de uma postura tacanha e medíocre, cuja representação historicamente personificada remetia ao modo declinante da sociedade civil burguesa, configurada a partir da modernidade. Mas qual seria o modo de redimensionar os dissabores de uma existência diminuída pela dinâmica declinante da “moral de rebanho” e da “pequena política”? É possível usurpar o lugar aviltado do “último homem” e desafiar as rédeas controladoras de nossos impulsos mais autênticos?

A resposta aos questionamentos anteriores converge para uma proposta singular na analítica nietzscheana e se constitui no ponto de chegada de nossa investigação: a estetização da existência,<sup>4</sup> ou seja, a apropriação dos elementos sofisticados do universo da arte, de uma nuance qualificadora da existência que a atividade artística carrega no embelezamento da vida, na possibilidade de tornar suportável o próprio fardo das vicissitudes existenciais, contribuindo para a própria criação de si,<sup>5</sup> na medida em que modela nossos

---

<sup>4</sup> Cito Nietzsche: “*Conceito do ser humano superior: aquele que sofre com o humano e não apenas com si mesmo, aquele que não pode agir de outro modo senão recriando o “ser humano” em si mesmo.*” (NIETZSCHE, 2008, p. 288).

<sup>5</sup> Cito Nietzsche: “Pode-se lidar com os próprios impulsos como um jardineiro, e, o que poucos sabem, cultivar os germens da ira, da compaixão, da ruminação, da vaidade, de maneira tão fecunda e proveitosa como uma bela fruta numa latada. Pode-se fazer isso com o bom ou o mal gosto de um jardineiro, e como que ao estilo, francês, inglês, holandês ou chinês; pode-se também deixar a natureza agir e apenas providenciar aqui e ali um pouco de ornamentação e limpeza, pode-se, enfim, sem qualquer saber e reflexão, deixar as plantas crescerem com suas vantagens e empecilhos naturais e lutarem até o fim – pode-se mesmo ter a alegria com esta selva, e querer justamente essa alegria, ainda que traga também aflição. Tudo isso temos liberdade para fazer; mas quantos sabem que temos essa liberdade? Em sua maioria, as pessoas não *crêem* em si mesmas como em *fatos inteiramente consumados*? Grandes filósofos não imprimiram sua chancela a este preconceito, com a doutrina da imutabilidade do caráter?” (NIETZSCHE, 2001, p.278)

comportamentos, refina nosso tratamento com os outros, reinterpretando significativamente nossas angústias, refinando dores psíquicas e sentimentos ignóbeis de forma a contemplarmos a vida e aferi-la um sentido sofisticado e altivo. É este o quadro que emerge na apreciação de Nietzsche:

A arte deve, sobretudo e principalmente, embelezar a vida, ou seja, tornar a nós mesmos suportáveis, e se possível, agradáveis para os outros: com essa tarefa diante de si, ela nos modera e nos contém, cria formas de trato, vincula os não educados a arte do decoro, limpeza, cortesia, do falar e calar no momento certo. Depois a arte deve *ocultar* ou *reinterpretar* tudo o que é feio, o que é doloroso, horroroso, nojento, que, apesar de todos os esforços, sempre torna a irromper, em conformidade com a origem da natureza humana: deve assim proceder, em particular no tocante as paixões e angústias e dores psíquicas, e no que é inevitavelmente ou insuperavelmente feio deve fazer com que transpareça o *significativo*. (2008, p. 82)

A proposta de Nietzsche, no âmbito de uma estetização da existência, é, portanto, trazer para a vida as mesmas referências elevadas presentes na arte, transformando a própria experiência existencial em objeto artístico,<sup>6</sup> aproximando o homem, suas escolhas pueris, seus afetos banais, sua maneira de se relacionar com as cercanias embotadas do mundo desfigurado, de um embelezamento que substancialize a vida e lhe confira sentido elevado. É por esta via de ressignificação de si que o artista faz de suas angústias poesia, rememora experiências trágicas, pessoais e históricas, à luz de uma leitura capaz de capturar as relevâncias e os significados ocultos, gerando a acuidade do olhar, do dizer, do referir, sofisticando a passiva brutalidade e banalidade do homem mediano, solapado de suas forças instintuais criadoras pela ação uniformizadora da moral decadente e da “pequena política”.

É por conta deste impulso desafiador inerente à perspectiva soberba da arte frente à pequenez das demandas controladoras da cultura moderna, que Nietzsche postula uma aproximação dos elementos altivos da arte como referência para a construção de uma existência superiormente elevada, reconfigurando nossas energias psíquicas para reavaliarem a vida e seus desdobramentos de um modo mais encantador e envolvente, e ainda assim carregada da plenitude incontornável de suas dores singulares.

---

<sup>6</sup> No aforismo 174 de *Humano, demasiado humano II* (citação acima), Nietzsche defende uma compreensão mais ampla da atividade artística, onde a arte, além de se efetivar em formas concretas como na música, teatro, pintura, etc., possui um arremate de maior elevação e amplitude, sustentada na transformação visceral da vida, e no embelezamento da existência. O fundamental consiste na arte de viver, na sagacidade do gesto inovador, na profundidade da atitude singular. Será através de uma apropriação dos elementos elevados do mundo da arte, da conquista das características do artista criador, que se poderá redesenhar os rascunhos de uma existência rebaixada, conferindo-lhe linhas sofisticadas de uma ressignificação da vida. Enquanto artista da própria existência, o homem esculpirá em si o transbordamento da vida tornando-se permanente construção e destruição de formas, experimentando múltiplos estilos, gerando mundo de valores, tecendo novas interpretações.

A expressão de si brota agora, no interior desta proposta de transbordamento da existência, numa elevação do olhar, do ouvir e do conviver, e no difícil desafio de “tornar a nós mesmos suportáveis, e se possível, agradáveis para os outros”. Trata-se de redesenhar os fios da própria existência e atribuí-la a seguinte proposta: como poderia construí-la artisticamente? Como poderia enaltecê-la pelo cuidado de si com o mesmo impulso vivaz de uma construção estética? A proposta de Nietzsche é que o homem crie a si mesmo como uma obra de arte, já que “como fenômeno estético a existência ainda nos é *suportável*, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos, e, sobretudo, boa consciência, para *poder* fazer de nós mesmos um tal fenômeno”. (NIETZSCHE, 2001, p. 132)

Essa proposta de estetização da existência, formulada por Nietzsche, desafia a veia despreziosa do homem comum, convidando-o a emoldurá-la de um revestimento exigente e autocrítico perante seus atos, suas escolhas, o modo de manifestar seus afetos, e, conforme visto, até a extensão dos olhares, tratamentos e cortesia.<sup>7</sup> O resultado desta nova dinâmica psíquica que restaura uma inclinação dos atos e palavras em torno de nossos impulsos criativos, evitando a decadência conservativa e intensificando a pluralidade de nossas potências, se reveste num dos conceitos mais desafiadores de Nietzsche, ao mesmo tempo em que impõe um curso plenamente artístico às nossas escolhas: o eterno retorno. Deixemos ao próprio Nietzsche, no vigor expressivo de sua poética, discorrer sobre este demônio, a um só tempo terrível e esplendoroso:

*O mais pesado dos pesos* – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a esta vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma seqüência e ordem – e assim também esta aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!” Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim o falou? Ou você já experimentou um instante intenso, no qual lhe responderia “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!” Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez por incontáveis vezes?”, pesaria sobre os teus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não *desejar nada* além dessa última, eterna confirmação e chancela?”(2001, p. 230)

<sup>7</sup> De acordo com Rosa Maria Dias, Nietzsche “exorta cada um a esculpir sua existência como uma obra de arte. A vida deve ser pensada, querida e desejada tal como um artista deseja e cria sua obra, ao empregar toda a sua energia para produzir um objeto único” (DIAS, 2011, p. 13)

A possibilidade de retornar infinitamente ao mesmo ponto de nossas vivências invade de responsabilidade o âmbito irrefreável da instantaneidade de nossas escolhas, atividades e afetos, elevando-os ao nível da atividade estética, e impregnando-os com o cuidado artístico de produzi-los de forma vivaz, brilhante, chamativa e envolvente, entrelaçados no zelo de manter suas partes em consonância com o resultado final. O artista é aquele cujo traço busca ocupar o espaço do esmero, da perfeição, da altivez, superando os danos e limites da existência ao nível da reelaboração inspiradora, criativa e desafiadora de si e de suas dores.

A formatação estética carrega a vida de possibilidades infinitas, pois toda singularidade estará impelindo suas potências para a afirmação de suas determinações, cuidando de cada ato ou escolha como um detalhe preciso na dinâmica da reinvenção ininterrupta do ato criativo. A vida assim constituída se elabora como uma obra, e como tal também impregnada de desvios e equívocos como não poderia deixar de ser, mas desafiadoramente eternizada sob o fardo de nossas escolhas.

Este é o peso que Nietzsche atribui às nossas vivências e, ao mesmo tempo, é o desafio que impõe a todo modo de existência que se pretenda significativo: resistir ao tempo e marcar, nas amarguras e absurdos de cada instante, a assinatura definitiva e atemporal do artista. Afinal, como diz Nietzsche “É preciso ter o caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela bailarina. Vós ainda tendes o caos dentro de si” (2011, p.18).

#### 4. CONCLUSÃO

A tarefa da filosofia, do modo como a entende Nietzsche, martelando todos os falsos ídolos que se travestiram de falsas salvaguardas para a fugaz finitude que abraça a existência humana, foi formular sub-repticiamente a mais relevante de todas as questões por ele já formuladas, desconcertantemente fixada numa metáfora de naufrágio e finalizada numa conjunção alternativa, num de seus aforismos mais eloquentes e enigmáticos:

*Nós, aeronautas do espírito!*- todos esses ousados pássaros que voam para longe, para bem longe- é claro! Em algum lugar não poderão mais prosseguir e pousarão num mastro ou num recife - e ainda estarão agradecidos por essa mísera acomodação! Mas quem poderia concluir que à sua frente não há mais uma imensa via livre, que voaram tão longe quanto é possível voar? Todos os nossos grandes mestres e precursores pararam afinal, e não com o gesto mais nobre e elegante que a fadiga se detém: assim será também comigo e com você! Mas que importa a mim e a você! Outros pássaros

voarão adiante! Esta nossa ideia e crença porfia em voar com eles para o alto e para longe, sobe diretamente acima de nossa cabeça e de sua impotência, às alturas de onde olha na distância e vê bandos de pássaros bem mais poderosos do que somos, que ambicionarão as lonjuras que ambicionávamos, onde tudo ainda é mar, mar e mar! – E para onde queremos ir, então? Queremos transpor o mar? Para onde nos arrasta essa poderosa avidez, que para nós vale mais que qualquer outro desejo? Por que justamente nessa direção, para ali onde até hoje todos os sóis da humanidade se puseram, desapareceram? Dirão as pessoas, algum dia, que também nós, rumando para o Ocidente, esperamos alcançar as Índias – mas que nosso destino era naufragar no infinito? Ou então, meus irmãos? Ou? (NIETZSCHE, 2004, p. 283-284)

Referimo-nos aqui ao aforismo 575 do livro *Aurora*, de Nietzsche, que pela importância e interligação com as temáticas conceituais que aqui nos propomos, sobretudo no sentido de um apontamento decisivo, de uma alternativa frente à limitação político-moral de nossa epocalidade decidimos reproduzir: a humanidade pode naufragar nas fronteiras do horizonte decadente moderno, cujo desenho se materializa num homem transfigurado diante do horror de uma existência insignificante, trivial, bestial. Ou?

Em termos filosóficos mais amplos nossa investigação buscou elucidar o desafio deixado por Nietzsche aos homens de nosso tempo, quer seja, ultrapassar o macro horizonte cultural do homem moderno, denominado por Nietzsche de época do niilismo, alçando nossa finitude na ousadia de voos mais audazes e altitudes mais inspiradoras para que a aventura humana na terra enfim se tornasse significativa, e autenticamente humana...

## REFERÊNCIAS

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GIACOIA, Oswaldo. **Nietzsche e para além de bem e mal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GOETHE, Joham Wolfgang von. **Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ensaio, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Aurora**. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano.** Volume II. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **A grande política, fragmentos.** Tradução e organização de Oswaldo Giacoia. Campinas: editora Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos do Espólio: primavera de julho de 1884 a outono de 1885.** Seleção, Tradução e Prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.